

## ATTITUDES LINGUÍSTICAS NOS FALANTES BILÍNGUES RIKBAK TSA<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Mileide Terres de  
CARDOSO-CARVALHO, Valéria Faria

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT  
milly-0502@hotmail.com  
valeriafc Cardoso@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar as atitudes linguísticas da comunidade indígena Rikbaktsa, situada no noroeste do Estado do Mato Grosso, possui suas reservas indígenas nos municípios de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, cerca de 1.800 pessoas distribuídas em três Terras Indígenas, Japuira, Escondido e Erikpaktsa, num território de cerca de 320 mil hectares de mata amazônica e cerca de 34 aldeias. Diante da influência do português na língua nativa, perante a variedade de fala adotada, o falante pode emitir valores de juízo que podem ser positivos ou negativos. A partir do modelo teórico da Sociolinguística Variacionista com os estudos de Weinrich, Labov e Herzog, observamos o uso da língua dentro da comunidade de fala. Consideramos o contexto social de produção utilizando para tal o método de análise qualitativa de dados, que reconhece os fatores externos e internos de uma comunidade de fala, sendo o nosso foco as comunidades minoritárias. Percebemos que atualmente no Brasil, os estudos linguísticos na área indígena vêm se aperfeiçoando, entretanto, quando se fala em etnolinguística, o estudo deve ser muito mais detalhado e acessível a outros pesquisadores.

**Palavras-chave:** Rikbaktsa/Português; Contato; Atitudes Linguísticas;

### Introdução

No Estado de Mato Grosso há uma expressiva diversidade étnica e linguística, com cerca de 384 povos indígenas, falando 34 línguas distintas. Ao todo, estima-se que aproximadamente 30.000 indivíduos do estado, um pouco mais de 2% da população (Santana, 2010). Esses povos se diferem tanto na pluralidade cultural quanto nos diversos estágios de aculturação e de contato com a sociedade “não-indígena”.

Em meio a esta diversidade cultural destacamos os povos indígenas Rikbaktsa situados em Mato Grosso, nas cidades de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu. Cabe ressaltar que, segundo o Atlas da Unesco de 2010, a língua Rikbaktsa está em extinção. Ao longo dos anos ela perdeu seu espaço legítimo de propagação da cultura, pois segundo Pacini (1999), ocorreu

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina de Introdução a Sociolinguística.

um sincretismo da língua, decorrente dos massacres que a população indígena sofreu nos conflitos dos primeiros contatos entre índios e seringueiros no início do século XX.

Neste trabalho, analisamos as atitudes linguísticas dos indígenas Rikbaktsa perante a língua Portuguesa que se insere no âmbito social deste povo. Nesse sentido, surgem as indagações: A relação de bilinguismo entre a língua nativa e a língua portuguesa serve para marcar posições e identidades distintas no povo Rikbaktsa? Qual a preocupação dos Rikbaktsa diante da influência do português na língua nativa? Essas são algumas questões que este trabalho discute.

## 1. As Atitudes Linguísticas no Viés da Sociolinguística

A Sociolinguística Variacionista surgiu a partir dos estudos de Weinrich, Labov e Herzog, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, considerando o contexto social de produção utilizando para tal o método de análise quantitativa de dados. De acordo com Alkmim (2007, p.50) a Sociolinguística correlaciona “as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares.”

Destacamos que, em 1963, William Labov começa a desenvolver seus trabalhos sobre a Sociolinguística quantitativa, considerando a língua como um veículo de comunicação, informação e expressão entre os indivíduos. Segundo Tarallo (2007, p. 07) Labov insiste na “relação entre línguas e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.” Este modelo teórico-metodológico considera a língua falada e suas variações, pois variantes linguísticas são “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (*Idem*, p. 08).

No âmbito da Sociolinguística Variacionista evidenciamos o conceito de *Interferência*. Segundo Calvet (2002, p.36) ele foi proposto por Uriel Weinrich em 1953 em seu livro *Languages in Contact*, em referência ao bilinguismo, “ele considerava que as línguas que estavam em contato eram utilizadas alternadamente pela mesma pessoa.” Assim sendo, quando são produzidos enunciados bilíngues, trata-se de colagem, “de passagem em um ponto do discurso de uma língua a outra, chamada de mistura de línguas (a partir do *code mixing*) ou de alternância de código (com base no inglês *code switching*)”, em que a mudança de língua acontece durante uma mesma frase ou na passagem de uma frase a outra (*Idem*, p.52).

A interferência constitui o contato intenso entre duas línguas, que podem alternar-se no ambiente de línguas em contato ou bilinguismo. Neste contexto destacamos as atitudes linguísticas que se relacionam com as manifestações que os falantes de uma comunidade podem fazer sobre a fala de outros indivíduos e sobre a própria fala. Para Oppenheim (1966, apud Moralis, 2001, p.139):

(...) atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontado com certos estímulos. (...) As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente emocional) que levarão a formas determinadas de comportamento (a componente de tendência expressiva).

Nesta perspectiva, a função da linguagem consiste em transmitir informações sobre os falantes e estabelecer relações sociais. Sendo que o falante consegue descrever o seu falar a partir do falar do outro, ou seja, pelas semelhanças e diferenças que estabelecem entre as duas línguas em contato.

Na sua maioria, os estudos sobre atitudes linguísticas foram, inicialmente, relacionados ao bilinguismo, mas também possuem estudos que associam à variação e mudança linguística. Diante da variedade de fala adotada, o falante pode emitir valores de juízo que podem ser positivos ou negativos. Segundo Fernández (1998, p.179) uma atitude positiva “pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra (...)” e se uma atitude for negativa pode impedir a propagação de uma determinada variante ou mudança linguística.

Partindo dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e considerando as atitudes linguísticas, prosseguimos nosso estudo aprofundando o corpus em questão.

### 1.1 Os Indígenas Rikbaktsa no Âmbito da Etnolinguística

*"Um povo sem conhecimento, saliência de seu passado histórico, Origem e cultura. É como uma árvore sem raízes" (Bob Marley)*

A citação de Bob Marley é pertinente para nossa reflexão, pois a riqueza de um povo consiste em suas especificidades, próprias daquele grupo social, um conhecimento característico e que reflete seu passado histórico. A origem e a cultura são memórias guardadas para sempre, as quais são lembradas pelas gerações futuras, são suas raízes, sua base e fundamentos que são carregados por toda a vida.

A língua de um povo faz parte da cultura e suas características definem a identidade do mesmo. Segundo Bakhtin (2006, p. 74). “A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”. Para Von Humboldt<sup>2</sup> (1970 apud Jakobson; Chomsky, 1970, p.29) “a língua é como uma estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam suas inter-relações, arranjos e organização. Mas essas matérias-primas finitas podem-se combinar para resultar num produto infinito”. Assim como para Saussure (2006), a língua é um produto social e a fala um produto individual.

Segundo Rodrigues (2004, p. 03), em seu artigo *A contribuição da Linguística na Comissão Rondon*, o estudo etnolinguístico começou a surgir no Brasil no início do século XX, com o historiador João Capistrano de Abreu, que, além de contribuir para a documentação da língua Bakairí de Mato Grosso, produziu um excelente trabalho sobre a língua dos Kaxinauá do Acre.

Durante a primeira metade do século XX, Cândido da Silva Rondon, oficial responsável pela denominada Comissão Rondon, realizada em Mato Grosso, esteve em contato com os Bororos e declarou ter aprendido a língua dos mesmos, pois se preocupava com a documentação científica dos levantamentos geográficos. Rondon também incorporou à

---

<sup>2</sup> Friedrich Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835) – o famoso lingüista e político da Prússia, irmão mais velho de Alexander von Humboldt (geógrafo e naturalista). De uma nobre família da Pomerânia, dedica-se ao estudo do movimento intenso nas esferas da vida política, social e literária, destaca-se seus estudos com a língua do país de Basco e o javanês. Fonte: <http://pt.actorsrussian.com/biografia-de-friedrich-wilhelm-von-humboldt.html> Acesso em: 15, Julh. 2013.

expedição etnógrafos<sup>3</sup> que observaram os povos indígenas pelas frentes expedicionárias, verdadeiros pesquisadores que procuravam registrar fatos linguísticos.

De acordo com Rodrigues (2001), há grande diversidade entre as línguas indígenas do Brasil, principalmente de natureza genética, que permite classificar as línguas em conjuntos com origem comum mais próxima ou mais remota. Em nosso país se destacam dois troncos linguísticos: O Tupi e o Macro-Jê.

Segundo Pires (2009, p. 48), um dos primeiros etnólogos a se interessar pela cultura e língua dos grupos Jê foi Curt Nimuendajú, que chegou ao país em 1903. O estudo das línguas indígenas é de fundamental importância para a expansão dos estudos etnolinguísticos acerca da preservação e conhecimento das línguas indígenas vigentes em nosso país, pois a alienação ao fato nos faria descasos à cultura e preservação da mesma em nosso território.

O tronco linguístico Macro-Jê abrange doze famílias e tem uma peculiaridade hipotética, devido ao seu descobrimento recente e poucas pesquisas relacionadas ao mesmo. Conforme afirma Pires (2009, p. 47-51), a este tronco pertence a língua falada pelos ameríndios Rikbaktsa, com cerca de 1.800 pessoas distribuídas em 34 aldeias. Vivem em três Terras Indígenas: a Terra Indígena Erikpaktsa, a Terra Indígena Escondido e a Terra Indígena Japuira, num território de cerca de 320 mil hectares de mata amazônica.

No século XX, com o início do terceiro ciclo da borracha os Rikbaktsa foram descobertos pelos seringueiros e desencadeou diversos confrontos. Este conflito levou o padre jesuíta João Evangelista Dornstauder, da Missão Anchieta, a iniciar um projeto de pacificação da região que durou de 1956 a 1962.

Após a pacificação, a Missão Anchieta e a Missão Luterana começaram efetivamente seus trabalhos de resgate dos Rikbaktsa para a civilização e o cristianismo. De acordo com Pires (2009), foi instituído o Posto Missionário Utariti no município de Diamantino-MT, o qual servia de internato para crianças órfãs indígenas de várias etnias, cerca de 1000 crianças foram abrigadas, sob os cuidados dos jesuítas. Segundo Arruda (1994), neste internato as crianças tinham que seguir as regras dos brancos, eram obrigadas a se comunicar somente em Português e eram castigadas quando falavam suas línguas maternas. No final da década de 1960, o internato fechou e as crianças voltaram para suas aldeias. Os jovens Rikbaktsa encontraram dificuldades em se adaptar e chegaram a criar uma aldeia separada chamada Indianópolis. Este aspecto prejudicou a língua dos povos, pois muitos deles retornam sem saber falar a língua nativa, ou até mesmo, com variações significativas daqueles que permaneceram na aldeia.

Com o passar dos anos a língua portuguesa intensifica a sua inserção na aldeia, sobretudo pela migração dos Rikbaktsa para os centros urbanos, em busca de qualificação profissional e outros recursos. Estes processos, histórico-sociais desencadeou a situação de bilinguismo principalmente entre os mais jovens da comunidade de fala. Para compreender a influência da língua portuguesa nos falantes indígenas realizamos uma coleta de dados para a análise das atitudes linguísticas entre os Rikbaktsa.

## 2. Metodologia da Pesquisa

---

<sup>3</sup> Etnógrafos são aqueles que trabalham com a etnografia, sendo um método utilizado pela antropologia na recolha de dados. Baseia-se no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e seu objeto, seja ele uma tribo indígena ou qualquer outro grupo social sob o qual o recorte analítico seja feito. Fonte: <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3782> Acesso em: 15, Julh. 2013.

O corpus deste trabalho foi constituído a partir das respostas de 6 entrevistados indígenas Rikbaktsa<sup>4</sup>, nomeamos os indivíduos como Rikbaktsa A, B, C, D, E e F, sendo considerada as características abaixo:

INFORMANTES	SEXO	IDADE	RESIDÊNCIA
Rikbaktsa A	F <sup>5</sup>	37 anos	Urbana
Rikbaktsa B	M <sup>6</sup>	22 anos	Urbana
Rikbaktsa C	M	15 anos	Urbana
Rikbaktsa D	F	58 anos	Aldeia
Rikbaktsa E	M	32 anos	Aldeia
Rikbaktsa F	M	58 anos	Aldeia

Para esta pesquisa, utilizamos a técnica “medidas diretas” instituída por Blanco-Canales (2004), em que o informante não sabe qual a finalidade das perguntas a que está sendo submetido. Neste caso, foram feitas entrevistas gravadas e em seguida transcritas. Além disso, algumas questões foram reformuladas e outras ainda nem foram feitas devido ao fato do falante ter antecipado a resposta.

Segundo Samarin (1967 apud Cardoso, 2008, p.23), o trabalho linguístico de campo e o modo de obter dados para a análise de fenômenos linguísticos, envolve aspectos da comunidade – “comportamento socio-cultural; participantes – o(s) informante(s) (falante nativo) e pesquisador linguístico envolvidos por meio de contato social, além de considerações acerca da metodologia a ser usada durante a pesquisa de campo.”

Ressaltamos que as variáveis extralinguísticas consideradas para a seleção dos entrevistados teve como objetivo abranger os mais jovens e os mais velhos da etnia, sendo de ambos os sexos e que residam na aldeia e no centro urbano. Vale destacar que a influência do português é visível na geração mais nova, pois todos os entrevistados residem na área urbana e os mais velhos, na aldeia. A partir desta variável já podemos constatar que a migração é um fato corriqueiro nesta comunidade de fala e conseqüentemente, um dos fatores que ocasionam o bilinguismo.

## 2.1 Análise dos Dados

A identidade de um povo caracteriza a sua cultura. De acordo com Fernández (1998) a identidade permite diferenciar um grupo do outro, entre as diversas formas de diferenciação, temos a língua que caracteriza uma comunidade, as variedades linguísticas, e os usos linguísticos permitem a percepção do diferencial e do comunitário.

De acordo com as respostas, todos os entrevistados afirmam ser indígenas, sendo que os Rikbaktsa D, E e F, os mais velhos da entrevista, foram para o Utiariti e sofreram com

<sup>4</sup> Os entrevistados assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), autorizando a utilização dos dados para a pesquisa.

<sup>5</sup> Feminino.

<sup>6</sup> Masculino.

a readaptação nas aldeias, mas se consideram bilíngues, pois sabem o português e a língua nativa. Os Rikbaktsa A, B e C, os mais jovens da entrevista, utilizam a língua portuguesa no cotidiano e sabem algumas palavras na língua mãe, que aprenderam na escola e com os mais velhos.

Em se tratando da escolarização, os indígenas trabalham com métodos tradicionais, e até utilizam o material didático de nossas escolas regulares. Ensina-se em sala de aula a língua portuguesa, com sua gramática, e muitas vezes, esquecem da sua própria língua nativa. Podemos constatar, o que acabamos de dizer, por meio da fala da Rikbaktsa A, quando perguntamos sobre o ensino na aldeia: *Lá nós estudamos matemática, o português e a geografia normal, eles falavam tudo no português pra nós, agora quando era dia da nossa aula bilíngue daí era só idioma que a gente estudava.* Em relação ao material utilizado em sala aula, ela afirma que: *Era igual o usado aqui né. E também tinha a cartilha da nossa própria língua, daí a nossa cartilha tem o português e nossa língua.*

Estas afirmações nos levam a perceber que os indígenas não possuem um material adequado e próprio para sua etnia, tendo que utilizar o material didático da nação brasileira para desenvolver suas aulas, sendo que, esta realidade é muito diferente da deles. Um material didático específico, que garanta as particularidades indígenas, seria fundamental para o desenvolvimento cultural e linguístico do indivíduo junto à sua comunidade.

Estes modelos estabelecidos podem ser definidos pelo etnocentrismo presente na educação. Para Marconi; Presotto (2006, p.18) o etnocentrismo baseia-se em considerar que “há modos de vida bons para um grupo que jamais serviriam para outro”, neste contexto podemos perceber que a região dominante do país influencia a elaboração do material didático, inclusive dos indígenas. Haja vista, não podemos criar um material que atenda a todas as necessidades de cada região específica, mas que pelo menos, sirva de suporte para serem desenvolvidos os trabalhos escolares voltados para a vivência cotidiana. O livro didático é um auxílio para o professor, e ele deve buscar novos mecanismos para ampliar e desenvolver os conteúdos do mesmo. Mas a indagação está relacionada aos moldes impostos pelos conceitos etnocêntricos pautados por classes que denominam-se “superiores”, além do poder de estado.

Em relação a perda da língua Rikbaktsa, o Rikbaktsa B afirma: *É complicado né, mais eu tenho a cartilha aí, daí eu estudo,* o Rikbaktsa C explana: *Às vezes, eu leio a cartilha, mas a nossa língua é muito difícil.* Na tentativa de resgatar a língua Rikbaktsa, os mais velhos, que não foram levados para o Utiariti e conseguiram permanecer na aldeia estão ensinando os índios mais jovens, que tem interesse de aprender sua língua. A Rikbaktsa A afirma que: *Eles tão passando pros mais jovens. Tem jovem que fala e ta aprendendo com eles lá na aldeia, só os mais novos. Tem muito jovem que fala e muito que não fala.* Em consonância ao fato, indagamos se a mesma tem interesse em aprofundar seu conhecimento sobre a língua do seu povo: *Eu tenho interesse em aprender sim, mas é muito difícil e quase não tenho tempo.* Estes enunciados nos levam a perceber que aprender a língua nativa é uma questão de obrigação para os Rikbaktsa mais jovens, pois a língua mais falada por eles é o português. Percebemos a influência de uma língua sobre a outra, assim o português, como majoritário, sobressai ao Rikbaktsa, sendo minoritário, o que nos remete às imposições da metrópole desde a época da colonização, em que os padrões do colonizador sempre eram “melhores” em detrimento a cultura dos colonizados, tidos como seres inferiores. Mais uma vez destaca-se o poder de estado no ensino de línguas.

Quando a Rikbaktsa A afirma que apesar do interesse em aprender sua língua mãe, ela não tem tempo, evidenciamos um ato de menor valor em relação a preservação de sua cultura, pois saber Rikbaktsa é cultivar as tradições de sua etnia. Deste modo, percebemos que

para as gerações mais jovens a língua materna passa a ser o português e a segunda a língua nativa, enquanto que para os mais velhos é o oposto, por isso a preocupação em relação ao ensino da língua Rikbaktsa nas escolas indígenas, para que esse tesouro não seja extinto.

As atitudes linguísticas dos indígenas em relação a própria língua, quando o Rikbaktsa C responde: *Às vezes, eu leio a cartilha, mas a nossa língua é muito difícil.* Percebemos então, que mesmo diante do interesse dos mais velhos em procurar meios para a preservação da língua, há resistência entre os falantes mais jovens. O fato de considerarem sua língua “muito difícil”, elegem como uso o português, sendo esta sua língua primeira. Constatamos diante deste fato um paradoxo, pois irrompe com a cultura linguística, na qual, ao invés da comunidade falar a língua de sua cultura (nativa), falam a língua do outro. Colocando assim o índio em um patamar de estrangeiro nativo.

Quando os mais velhos são interrogados sobre a situação de bilinguismo na aldeia e a extinção da língua mãe, a Rikbaktsa D afirma: *Ta se acabando né, tudo ta se acabando, até o remédio do mato, até o chá ta se perdendo,* a Rikbaktsa E acrescenta: *Na verdade é uma preocupação dos pais também. (...) A gente ta tentando fazer um projeto diferente pra montar um material próprio, a gente chamo ele de intercâmbio cultural, mas é só dos Rikbaktsa (...).* Alguns fatores extralinguísticos influenciam diretamente na perda cultural, assim como a migração da aldeia para os centros urbanos, em que os mais jovens se deslocam em busca, sobretudo de qualificação profissional. Não há, da parte do estado, uma preocupação ou projeto de lei que obrigue a elaboração de material didático, ensino e manutenção da língua indígena, assim, os mesmos ficam reféns da luta e interesse de pesquisadores e dos indígenas que resistem e buscam a manutenção da cultura de seu povo. O estado não trabalha para a manutenção de línguas em seu solo, mas da língua portuguesa. O estado atende alguns projetos para dizer que cumpre seu papel em relação as nações indígenas.

Existem ações para que a língua Rikbaktsa seja preservada, mas em entrevista com o Rikbaktsa F observamos que as reuniões internas na aldeia e as festas não tradicionais são realizadas em língua portuguesa. Entretanto, as cerimônias religiosas, de cura, rezas e festas tradicionais ainda são realizadas na língua nativa.

Deste modo, constatamos que as atitudes sociais, com intuito de ensinar a língua nativa aos mais jovens, estão relacionadas às atitudes dos falantes bilíngues em relação as duas línguas em contato. Devido aos fatores sociais ou do sistema de valores que rege sua conduta, o indivíduo acaba elegendo como principal uma das línguas, abandonando a outra. As entrevistas confirmam que os Rikbaktsa A, B e C, os mais jovens, na fala coloquial, não apresentam nenhuma dificuldade com relação ao uso da língua portuguesa, o que pode ser explicado pelo fato de que conviveram e convivem com falantes do português e desde crianças aprenderam nas escolas a língua majoritária, ou seja, a língua portuguesa. Assim sendo, a língua nativa é vista como a segunda, a língua outra, usada em algumas ocasiões, e eles, muitas vezes, nem a utilizam pois não detém este conhecimento.

## **Considerações Finais**

A língua de um povo é a maior manifestação da sua cultura e identidade, pois é algo único e que apenas os membros daquela etnia detém deste tesouro. A etnia Rikbaktsa é rica em rituais e tradições oriundas dos seus antepassados, e muitas práticas permanecem nas aldeias. É um povo que cultivava sua cultura, mas devido aos massacres do início do século entre índios e não-índios, e as ações de pacificação dadas pelos jesuítas, resultou na perda da língua pelos indígenas que foram levados de suas aldeias e depois retornaram sem as

particularidades culturais. Consequentemente, as gerações futuras foram alvo desta perda identitária, resultando na classificação da língua Rikbaktsa como ameaçada de extinção.

A relação de bilinguismo entre a língua nativa e a língua portuguesa serve para marcar posições e identidades distintas no povo Rikbaktsa, sendo que os mais velhos se reconhecem como falantes bilíngues e buscam ensinar a língua nativa para os mais jovens. Entretanto a geração mais nova é considerada falante de língua portuguesa, pois apesar de conhecer algumas palavras em Rikbaktsa, não falam no cotidiano, apesar de todos admitirem sua identidade étnica como indígenas. Vemos aqui que a identidade dos mais jovens passa pela questão do nascimento na etnia, não pela utilização e conhecimento da língua.

Em relação à preocupação dos Rikbaktsa diante da influência do português na língua nativa, constatamos que existem ações que visam modificar este quadro, para que não seja agravada esta situação, pois os anciãos ainda dominam a língua e podem repassar, mas o tempo é curto e o interesse é de todos. Diante das entrevistas realizadas com os Rikbaktsa A, B e C, percebemos que os mesmos se preocupam com a perda da língua nativa, mas admitem que não sabem, fluentemente, a língua e o que nos chama a atenção é que eles ressaltaram em suas falas a perda dos rituais, dos costumes, decorrentes da invasão capitalista e das migrações dos indígenas para os centros urbanos.

A cartilha de ensino da língua nativa na etnia Rikbaktsa tem o objetivo de incentivar o ensino, mas não é suficiente, aprender uma língua requer dedicação e apreço, e esta iniciativa deve partir dos mais jovens. Percebemos que as escolas indígenas buscam outros meios, como aperfeiçoar o material de ensino à língua nativa, são essas ações que corroboram para a preservação da cultura, pois a língua é a maior riqueza de um povo.

Por fim, detectamos que o interesse de preservação dos mais velhos, não passa pelo interesse do estado através de uma política linguística que sustente a necessidade e importância de manutenção da composição da história brasileira que é, por natureza, mesclada da existência de outros povos e outras línguas.

## Referências

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ARRUDA, Rinaldo S. V. **Existem Realmente índios no Brasil?** São Paulo: Perspectiva, 1994. Disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03/v08n03\\_11.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03/v08n03_11.pdf) Acesso em: 02, Jul, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BLANCO-CANALES, Ana. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Valéria Faria. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2008. Disponível em:



<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000431965> Acesso em: 21, Jul, 2013.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In:\_\_\_\_\_. **Principios de sociolingüística ysociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

JAKOBSON, Roman; CHOMSKY, Noan. *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia – Uma Introdução**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

MORALIS, Edileusa Gimenes. Dialeto em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas. In: **Sociedade e Discurso**. Campinas: Pontes, 2001.

PACINI, Aloir. **Pacificar: Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social**. 2009.196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [www.Tese.usp.br/teses/disposiveis/8/.../PAULA\\_W\\_LORENA\\_PIRESpdf](http://www.Tese.usp.br/teses/disposiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRESpdf). Acesso em: 01, Jul, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras**. ComCiência: revista Eletrônica de Jornalismo Científico, SBPC, Linguagem: cultura e transformação, n. 23, agosto de 2001. (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.). Disponível em://[www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm)>. Acesso em: 01, Jun, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sobre a contribuição da Linguística na Comissão Rondon**. Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC . SBPC, Cuiabá, MT – Jul. 2004.

SANTANA, Áurea Cavalcante. **Linguística como disciplina nos cursos de formação de professores indígenas - uma experiência no projeto hayô – magistério intercultural**. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Cuiabá: UFG, 2010. Disponível em: [//need.unemat.br/4\\_forum/artigos/aurea.pdf](http://need.unemat.br/4_forum/artigos/aurea.pdf). Acesso em: 11, Jul, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.